



UNILAB

**Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO –
BRASILEIRA (UNILAB)**

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

LUCAS DE ALMEIDA DA SILVA

**A REFLEXÃO PEDAGÓGICA E A CRÍTICA
A EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT**

REDENÇÃO – CE

2018

LUCAS DE ALMEIDA DA SILVA

A REFLEXÃO PEDAGÓGICA E A CRÍTICA
A EDUCAÇÃO EM HANNAH ARENDT

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rogério Sousa da Silva

REDENÇÃO

2018

AGRADECIMENTOS

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – brasileira (UNILAB), pela formação que esta me possibilita.

À minha família por me oferecer meios para permanecer na universidade.

Aos meus colegas e professores que convivi e dialoguei durante o período do curso.

Ao professor Dr. Pedro Rogério Sousa Santos, por aceitar orientar e trabalhar comigo na realização desse projeto, contribuindo com seus conhecimentos teóricos, suas fontes que possibilitou fundamentação para esse projeto.

À banca examinadora por aceitar o convite, analisar o meu projeto e se predispor a ler e se fazer presente na banca.

Por fim, mas considerando o mais importante de todos, agradeço a Deus por permitir que eu encerre mais esse ciclo em minha vida, além de sua proteção a todos os citados nesse texto.

RESUMO

O projeto tem como intuito discutir a ideia e a crítica da Filósofa Hannah Arendt sobre a educação, na qual ela escreveu um artigo “a crise na educação” que faz parte da coletânea de seu livro “entre o passado e o futuro” escrito no fim da década de 1950, tendo como objetivos discutir as razões na qual para ela levaram a crise educacional de sua época, a natalidade, perda de autoridade, má formação de professores, aprender a aprender, e como as práticas pedagógicas contribuem para a constante crise na educação, já que essas têm como finalidade possibilitar uma melhor maneira do processo de ensino, e que, portanto, deve facilitar a aprendizagem, porém o que ocorre é uma constante crise, na qual esse projeto provoca a refletir, para essa pesquisa utilizaremos fontes bibliográficas onde analisaremos artigos, entrevistas, sites, que retratem e discutam a teoria da autora, em relação à educação, e como a sua teoria pode contribuir para esclarecer, e reverter esse quadro.

Palavras-chave: Crise. Educação. Natalidade. Autoridade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	PROBLEMA DE PESQUISA	9
3	OBJETIVOS	10
3.1	Objetivo geral.....	10
3.2	Objetivos específicos.....	10
4	JUSTIFICATIVA	11
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
5.1	Os pilares da crise na perspectiva de Hannah Arendt.....	14
5.2	Hannah Arendt e as questões da autoridade, natalidade, responsabilidade e a tradição do adulto em relação à criança.	19
5.3	Colaborações finais.....	21
6	METODOLOGIA.....	23
	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Educação atividade que se mostra historicamente essencial para a sobrevivência e desenvolvimento do ser humano, desde tempos primitivos: descoberta do fogo, primeiras formas de comunicação, desenhos em cavernas, mesmo acontecendo de maneira não formal, a transmissão destes conhecimentos, de um ser a outro foi o que garantiu a continuação e prosperidade da humanidade, sendo essas transmitidas através de gestos, imagens, escritas e contemporaneamente as mídias digitais.

Educação seria a aquisição de valores, tradições, normas, habilidades que se desenvolveram e se desenvolvem para atender as necessidades ou interesses dos homens e mulheres ao longo da história. Não se pode definir ou determinar apenas um espaço ou modelo de educação, pois muitos consideram apenas o ambiente escolar, onde o aluno aprende o desenvolvimento cognitivo, motor, de forma sistematizada, ou título de formação como verdadeira educação.

Por isso, quanto mais título o individuo possui mais educado se assimila que ele seja, entretanto esse não é o único modelo, temos a educação dos primeiros grupos como os nômades que se reuniram, juntaram suas forças físicas e intelectuais para garantir a sua sobrevivência, temos a educação familiar onde um determinado grupo de pessoas com ligação de sangue ou não se relaciona em um espaço privado, onde lá se transmite os costumes, autoridade, dos mais velhos para as novas gerações, temos as igrejas com seus ensinamentos religiosos, espaços de convivências, e as escolas, entre outros.

Sem educação, se sabe perfeitamente que cada indivíduo, cada família, cada grupo social ou cada nação teria que reconstruir o patrimônio de toda a história da humanidade, e seria praticamente impossível conseguir esse feito ao longo de todo o tempo que possa durar uma vida (EDUCAÇÃO, 2018, n.p.).

Disponível em: “< <http://queconceito.com.br/educacao> >” acesso em 20/07/2018.

Portanto, a educação é algo que surge para atender as necessidades dos seres e com isso garantir o seu desenvolvimento:

Poderíamos afirmar que a educação é um tipo de conhecimento de acordo ou conectado a uma regra moral. Sabemos que toda organização precisa de regras. Assim, poderíamos dizer que as regras estão para as organizações assim como as rodas estão para os carros. Elas são como estruturas invisíveis que ajudam a organização funcionar corretamente. (SENA, 2014, p.3)

Infelizmente a educação muitas vezes atendeu as demandas e interesses de determinados grupos, como nobres, clero, burgueses, já que esses se achavam no direito de serem os únicos detentores, do saber, e com ele conseguiam persuadir a maior parte das pessoas à sua vontade, felizmente, esse foi um quadro que começou a ser revertido no quesito acesso à educação escolar, discussão das outras formas de educação como a religiosa, passaram a ter um maior acesso a todos, entretanto continuam sobre administração e cuidados e saberes mais profundos e complexos nas mãos de poucos.

Alguns períodos se destacavam por seu modelo de ensino, como na Grécia antiga, principalmente em Esparte e Atenas, onde na primeira se caracterizava um modelo de educação baseado no autoritarismo, poder militar, competitividade, essa sociedade se estruturava para conquista e defender-se por meio da bravura de seus guerreiros, mas sua formação não se restringia apenas ao corpo, mas seu desenvolvimento e estratégias eram de suma importância para seus embates.

Enquanto em Atenas a democracia, a retórica, o uso da palavra, podemos citar aqui Sócrates com desenvolvimento da ironia e da maiêutica, a primeira se tratava de questionário sobre o que se sabe ao ponto de colocar em dúvida esses conceitos, com isso se chega ao segundo momento, onde o indivíduo se interessa pela busca de novos conhecimentos, desse período surgiu à base para a concepção de educação Ocidental.

Outro importante período a idade média, a educação em boa parte nesse período teve como base os dogmas religiosos, principalmente da igreja católica no ocidente, esses eram passados pelo estado através do clero e nobreza, e pela família, aqui temos duas figuras bases para esse período: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, usando o segundo como principal referência à escolástica. São Tomás traz a ideia de que a razão fortalecia a fé.

Portanto era necessário “entender para crer” quando se compreendia de forma racional a fé era fortalecida com isso se tem uma valorização da filosofia, mas para ele a filosofia se constitui de um conhecimento imperfeito cabendo recorrer à teologia para esclarecer as lacunas da razão através da compreensão do divino, com o advento do renascimento, esses dogmas foram postos a dúvida, essa foi uma grande perda da crença no religioso, no místico, nesse período o homem passa a ser o centro do universo, e o maior responsável por suas atitudes e consequências, sobre a sociedade e o planeta, esse foi um grande salto para a dita era moderna.

Com o surgimento da era moderna e o surgimento das psicologias do desenvolvimento humano, começa a se fazer uma forte crítica à educação conhecida como tradicional, onde essa tinha como características, uma maior autoridade por parte do

professor, no que se diz respeito a comportamento em sala, respeito para com professor, à educação é vista como centrada no docente, e o uso da palmatória quando se achava que estava desrespeitando o ambiente, autoridade da família era bastante respeitada, nos costumes, valores, algo que vem se tornando muito questionado e invadido pelo domínio público.

Portanto os críticos desse modelo de educação apontam que o ideal de educar e trazer a libertação para aquele que sofre a ação, podendo expor seus conhecimentos, sua cultura, ou seja, deixa de ser um a gente passiva e passa a ser um a gente ativa na produção de conhecimento. Com isso a educação deixa de ser algo central do professor ou dos pais, na qual ele perde essa posição de autoridade em relação ao seu aluno, e passa a ser considerado apenas um mediador do mundo com seu aprendiz.

Após analisar as novas concepções de ensino e suas consequências para a educação e o mundo considerado moderno, Hannah Arendt nasceu em 14 de outubro de 1906, em Linden na Alemanha e faleceu em Nova York, Estados Unidos no dia 04 de dezembro de 1975. Filósofa alemã de origem judia decidiu escrever uma crítica sobre o contexto educacional norte americano no fim da década de 1950.

A crítica que Arendt efetua da questão dos direitos do homem diz respeito à sua abstração, que se tornaria manifesta no momento em que não tivessem mais apoio na cidadania: os direitos do homem, afinal, haviam sido definidos como inalienáveis porque se supunha serem independentes de todos os governos: mas sucedia que, no momento em que seres humanos deixavam de ter um governo próprio, não restava nenhuma autoridade para protegê-los e nenhuma instituição disposta a garanti-los (PERRONE-MOISÉS, 2013, n.p.).

Hannah Arendt acredita que a modernidade foi acompanhada de uma crise em si própria, afetando as mais variadas esferas da sociedade, dessa forma Arendt decide analisar a “crise na educação” sendo, ela analisada no contexto da educação dos Estados Unidos da América, na qual essa crise se torna algo extremamente político:

A crise geral que acometeu o mundo moderno em toda parte e em quase toda esfera da vida se manifesta diversamente em cada país, envolvendo áreas e assumindo formas diversas. Na América, um de seus aspectos mais característicos e sugestivos é a crise periódica na educação, que se tornou, no transcurso da última década pelo menos, um problema político de primeira grandeza, aparecendo quase diariamente no noticiário jornalístico. (ARENDR, 2014, p.221).

2 PROBLEMA DE PESQUISA

O aspecto que instiga a investigar é a constante crise no sistema educacional brasileiro, sabendo que a autora analisa contexto americano no fim da década de 1950, é possível ainda fazer uma conexão dos argumentos dela para aquela época com a educação vivenciada hoje, portanto o problema é analisar como as posturas pedagógicas contribuem para a permanente crise no sistema educacional.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar a ideia de educação para a Filósofa Hannah Arendt, discutir como e por que ele se interessa pela educação, por uma crise dessas, sabendo que, apesar de ser professora, ela não era uma teórica da educação, sendo mais atuante nas questões política, e como suas reflexões pedagógicas implicam sobre a atividade de ensino, e a percepção de o porquê a educação apesar de ser uma das atividades elementares, ainda não conseguir ser bem realizada.

3.2 Objetivos específicos

- Investigar sobre alguns dos temas centrais da Hannah Arendt, Educação, autoridade, discutir um pouco da autoridade que pais, professores, estão perdendo com estudos oriundos da era moderna, quais impactos dessa modernidade para a concepção de educação, respeito, dos novos indivíduos;
- Analisar como os problemas causados pela prática pedagógica do pragmatismo combatida por ela, implicam sobre a educação e possibilitar meios para que os envolvidos, professores, pais aluno, teóricos da educação possam tomar consciência disso, analisar e agir de forma a melhor combater a permanente crise no sistema educacional.
- Compreender como análise da autora contribui no campo de combate a permanente crise educacional, e sobre concepções de mundo e como agira para garantir a sua preservação, tomando consciência da sua responsabilidade.

4 JUSTIFICATIVA

O que motivou à realização desse trabalho foi discutir a ideia de Hannah Arendt em relação à educação, trazendo à tona os questionamentos que ela elenca no fim da década de 1950 e com isso perceber uma das possíveis razões que guiaram vários povos a cair numa crise do sistema educacional até os dias recentes, o que me atraiu mais ainda a pesquisar sobre sua teoria para a educação são alguns dos fatores que ela levanta para explicar a crise educacional: má formação de professores.

Já que apesar de não estar profissionalmente atuando em sala de aula, conheço muitos profissionais, ainda que principalmente se encontrem no início da carreira docente, com dificuldades de como proceder perante a sala, isso é muito preocupante especialmente nesse caso, pois como estão na transição universidade, trabalho, eles deveriam estar aptos a compreender e a realizar suas atividades de forma bem planejada, é importante tomar consciência que muito do que é visto na teoria não ocorre na prática, por uma série de fatores, falta de recursos, humanos ou não, condições precárias de trabalho, superlotação, e muitos casos o não domínio do conteúdo, somado as rápidas descobertas de conhecimento e assuntos nos dias atuais, que podem contribuir para a complicação da postura do professor em sala, e a perda da autoridade devido à desconfiança dos alunos.

A natalidade, nesse quesito da mesma forma que a Arendt, acredito que ela tem grande papel na concepção de educação e manutenção da sociedade. Por isso, é necessário que se fortaleça a autoridade do professor, bem como da família, bem como de todos os mais velhos que atuam educando, pois apesar da natalidade garantir a renovação e a possibilidade desses novos indivíduos, produzir, descobrir, e transformar o mundo, ele já está inserido em um que foi estruturado sem a participação dele, e por isso o respeito ao que já estão nele é algo indispensável para a boa formação enquanto humano.

O aprender a aprender, ao elencar que só aquilo que o aluno produz de si mesmo e de seu meio é que é relevante para o processo de ensino, um erro desse pressuposto é que possui toda uma sociedade anterior e exterior a desse indivíduo e que, portanto exige que ele aprenda apenas aquilo que demanda de si mesmo é negar a ele esse conhecimento externo e o condicionar a ficar sempre no mesmo meio, o dificultando a conhecer outros espaços e a se desenvolver academicamente, socialmente, ser humanizado, portanto perceber como cada um desses contribui para com a crise educacional de sua época e particularmente associar e observar como é a presença deles no atual contexto brasileiro.

Portanto, a maior relevância para o meio acadêmico e social desse projeto é instigar a todos os leitores, educadores, pais, a refletir sobre como essas práticas pedagógicas e como a crise afeta a todos de forma direta, no quesito social, profissional, familiar.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os conflitos do século XX como as duas guerras mundiais ocorridas entre os anos 1914 a 1918 e 1939 a 1945 trouxeram para a humanidade, extermínio, devastação, falta de recursos, fez com que a educação passe a ser menos priorizada por essas sociedades Europeias, que buscavam a ideia de uma superação e reconstrução de seus países: “profundo mal-estar que, não obstante as aparências contrárias de propriedade, se espalhou por toda a Europa a partir do término da Segunda Guerra Mundial, é um tanto difícil dar a uma crise na educação a seriedade devida.” (ARENDR, 2014, p.222).

Esses impactos e a política de aceitação de imigrantes de forma bastante liberada, com a ideia de receber todos os oprimidos e miseráveis da terra, possibilito uma particularidade ao sistema educacional Americano, onde com esses indivíduos, a escola não se restringiria apenas aos conteúdos sistematizados próprios dela, mas também à americanização, na qual ela passa a ser o ambiente responsável por apresentar os Estados Unidos sua cultura, língua, entre outras atividades aos imigrantes, baseado no ideal de “nova ordem do mundo”.

Entretanto essa socialização fica a ser desempenhada na posse da família, a própria escola, ao convívio na comunidade em outros países, a grande diferença no caso americano é que fica restrito a escola esse papel, já que os pais também não conhecem essa realidade, com esse pensamento de nova terra acreditasse que a educação está sendo feito a base da criança, que ela está agindo ativamente no processo educativo e de renovação na sociedade, entretanto se deve perceber que esse novo mundo só vale para os imigrantes, eles virem de outros países e se inseriu numa estrutura econômica, social, educacional, já estruturada. O que mostra que eles não contribuíram para essa educação apenas se adaptou a ele, “O mundo no qual são introduzidas as crianças, mesmo na América, é um mundo velho, isto é, um mundo preexistente, construído pelos vivos e pelos mortos, e só é novo para os que acabaram de penetrar nele pela imigração.” (ARENDR, 2014, p.226).

Além de que os professores não estariam aptos a ter o contato e a boa comunicação, preparação para fazer esse processo de Americanização com diferentes etnias, grupos, pessoas das mais variadas nações, apresentar a América a esses, necessitaria antes que o próprio Estado se preocupasse na formação do professor para receber esses indivíduos, além da forma como reagiriam ao ter contato nessa nova sociedade, ficando dessa forma o professor abandonado a sua própria criatividade, e métodos, para desenvolver o ensino.

Além de que esse processo é necessário que ocorra com os pais ou parentes, entretanto esses últimos teriam que desenvolver quase que exclusivamente, no dia-a-dia, convívio com as pessoas na rua, na busca por um novo trabalho. Arendt define como essência da educação a natalidade, pois essa renovação é o que garante que um mundo novo surja em contrapartida a perda do velho mundo:

Para os humanos, nascer não significa simplesmente aparecer no mundo, mas constitui um novo início no mundo. A natalidade não se confunde, portanto, com o mero fato de nascer, mas constitui o ser no modo de ser do iniciar, da novidade. É a condição humana da natalidade que garante aos homens a possibilidade de agir no mundo, dando início a novas relações não previsíveis (DUARTE; CÉSAR, 2010, p.824).

5.1 Os pilares da crise na perspectiva de Hannah Arendt

A autora classifica como resultado da modernidade e responsáveis pela crise no sistema educacional três pilares principais, primeiro a ideia de um mundo feito por crianças separadas do mundo adulto, onde essas tomam suas decisões por si próprias, esse ideal vem acompanhado de que trará a libertação da opressão ao qual o mundo dos adultos possibilita, entretanto um grande problema dessa proposta, é arriscado deixar essas crianças ao seu belo prazer, pois a falta de maturidade, significação, e experiências de o que é esse mundo que ela nasceu e como pode realmente contribuir para transformá-lo.

A cada criança que nasce ocorre uma renovação no mundo, o professor Paro (2016, n.p.) fala no programa Nós da educação: “historicamente o homem vai produzindo sua existência” ciência, valores, costumes, máquinas, normas, o adulto deve se responsabilizar por apresentar esse novo ser a sociedade que ele encontrará já estruturada, e com isso, orientar para que esse reconheça as significações dela e possa atuar de forma ativa em sua nova transformação que ele proporcionará durante o seu desenvolvimento, portanto as deixar submissas a um mundo só de crianças as podem fazer ser facilmente influenciadas, passando a não mais agir por seus ideais, mas sim por de uma grande maioria ou líderes desse novo mundo:

Essas desastrosas medidas podem ser remontadas esquematicamente a três pressupostos básicos, todos mais do que familiares. O primeiro é o de que existe um mundo da criança e uma sociedade formada entre crianças, autônomas e que se deve, na medida do possível, permitir que elas governem. Os adultos aí estão apenas para auxiliar esse governo. (ARENDR, 2014, p.229-230).

Além de propor que o adulto não possua mais a autoridade sobre a criança já que esses construiria seu próprio mundo, com suas regras, opiniões o grande problema aí é a massificação, pois sabendo que todos ali pertencem a um grupo, se deixa de lado o termo da individualidade, neste caso de que apesar de ser criança, cada uma constitui um ser com ideias e necessidades diferentes, o que tem como consequência para esse mesmo indivíduo é que antes ele tinha a disputa: novos contra velhos, nessa nova sociedade ele está de igual para com os outros, ficando assim a mercê da vontade da maioria, e com a ideia de igualdade, sem poder recorrer a alguém, pois o adulto fica excluído desse mundo.

Em segundo pilar consistente da segunda ideia-base a tomar em consideração na presente crise tem a ver com o ensino. Sob influência da psicologia moderna e das perspectivas pragmáticas. Com essa visão o professor deixa de ter em sua formação, a ideia de que ele deve se aprofundar e dominar determinados conteúdos, compreendendo isso ele deve aprender métodos e técnicas, que o possibilite a ensinar sobre qualquer assunto a sua formação está fundamentada no ensino e não na aquisição de conteúdos particulares de uma área, “Um professor, pensava-se, é um homem que pode simplesmente ensinar qualquer coisa; sua formação é no ensino, e não no domínio de qualquer assunto particular” (ARENDRT, 2014, p.231).

Sabendo que isso é basicamente inviável para um humano dominar todas as áreas do conhecimento, temos aqui uma formação que deixa o professor em um paradoxo ter que ensinar de tudo um pouco, mas sem ele mesmo ter esse domínio, isso contribui para uma perda da autoridade do professor frente aos seus alunos e na forma como ele vai trabalhar a aprendizagem, como ressalta Paro (2016, n.p.) no programa nós da educação, “pensasse administração apenas nas secretarias, municipais e escolares, na administração de recursos humano ou outros”.

Esquecendo que a educação tem como fim proporcionar o ensino e aprendizagem, e para isso o planejamento do processo pedagógico, as concepções de que indivíduos a escola deve forma, possibilitar ao professor formação e espaço para planejar sua aula ficam um pouco em segundo plano o que tem como consequências salas de aula onde não se aproveita todo o tempo pois sem ter planejado com antecedência o professor fica sem saber o que fazer, o que resulta muitas vezes de deixar a criança brincando por brincar sem nenhum caráter pedagógico, e os pré – adolescentes e adolescentes dentro da sala, mas totalmente dispersos.

Pois não consegue identificar no professor ou conteúdo algo que o chame atenção. Isso se torna mais grave com aqueles que estão na transição universidade, trabalho, pois é notório que muitos recém-chegados não sabe como agir diante da classe, ao tomar consciência

de ter saído do curso a pouco tempo sua criatividade era para estar bastante adequada, mas temos que ter de relativizar que muitas vezes teoria não se encontra na prática.

Portanto muitas das aulas acabam resultando sempre em uma discussão muito supérflua, “Quem educa não assume responsabilidade apenas pelo ‘desenvolvimento da criança’, mas também pela própria ‘continuidade do mundo’ (ARENDT, 2005, p. 235 *apud* CÉSAR; DUARTE, 2010, p. 826). Com essa afirmação a autora propõe conservação do mundo seus ideológicos racionais, linguagens, cultura, para que após assimilar estes conceitos durante a infância e adolescência durante toda a transição para a vida adulta possa contribuir na renovação que a sua existência possibilita.

Em decorrência surge o terceiro pilar desse tripé, que é o abandono pelo aprender a conhecer e o adotar o aprender a fazer, isso implica que só se pode compreender e haver educação por meio da prática daquilo que se realiza por si próprio e aquilo que faz parte do seu meio, um exemplo que ela aponta em seu texto é que no caso de aprender uma língua estrangeira “a criança deve aprender falando, isto é, fazendo, e não pelo estudo da gramática ou sintaxe; em outras palavras, deve aprender uma língua estranha da mesma maneira como, quando criancinha, aprendeu sua própria língua [...]” (ARENDT, 2014, p. 232-233).

Um grande problema desse ideal é de que ele afasta o conhecimento teórico que foi discutido e posto a sociedade pelos nossos antepassados, e outro é que se busca priorizar aquilo que é de convívio exclusivo daquele aluno, nesse sentido “a intenção consciente não era a de ensinar conhecimentos, mas sim de inculcar uma habilidade [...]” (ARENDT, 2014, p. 232). As estruturas e o conhecimento exterior deste não são de grande interesse para o aluno e para o processo educativo, pois tornara uma educação muito distante da realidade daquele indivíduo, causando uma desmotivação pela aula, escola, para a autora esse aprender a fazer é efetivo em atividades fora da escola, conduzir um carro, convívio social, etiqueta.

Deve-se levar em conta que o seu meio é muito importante, mas existe todo um complexo de sociedades um mundo próximo e distante dele e que em uma estrutura sempre mais globalizada os meios interferem entre si, e de que antes de qualquer produção que essa nova criança traz consigo já existe conhecimentos anteriores a ele e são indispensáveis para a sua própria compreensão enquanto ser social.

Consequentemente o discurso de que é mais importante aprender fazendo, do que conhecer para aprender chega a ser quase um pensamento utópico, pois por mais inovador que seja o método o objeto ou área de pesquisa e construção do conhecimento, só será possível chegar a essa nova produção fundamentando - se em conhecimentos previamente produzidos,

pois para formular algo, antes é necessário compreender o conceito abstrato e significativo que já se produziu sobre aquele objeto.

Doutor em Educação Newton Duarte (2007) no vídeo *Teorias pedagógica: crítica ao aprender a aprender* classificou o lema aprender a aprender com quatro posicionamentos valorativo: primeiro, “As aprendizagens que um indivíduo realiza sozinho tem um valor educativo maior do que a aprendizagem por meio do ensino da transmissão de conhecimentos por parte de outra pessoa”; segundo, “Método de aquisição de conhecimento é mais importante do que o conhecimento já existente na sociedade”; terceiro, “Toda atividade pedagógica deve ser desencadeada e dirigida pelo interesse e necessidades surgidas espontaneamente na pratica cotidiana dos alunos”; quarto, “Formar indivíduos com grande capacidade adaptativas com auto potencial de adaptação as exigências dos momentos em termos da sociedade em que vivemos”.

Tomando como base os quatros posicionamentos do professor Duarte (2007), é possível levantar a hipótese de que o conjunto desses elementos contidos no aprender a aprender prejudica o processo de ensino e a figura do próprio professor, já que aquilo que eu aprendo sozinho tem um valor maior, com isso a criança, por exemplo, não necessita de alguém para mediar à produção de conhecimento o que podemos resultar disso é uma possível percepção de que a escola é algo desnecessário, e que um indivíduo apesar de sua imaturidade, deve ter a liberdade para realizar e agir sozinho sem interferência de outro e que, portanto um professor e a própria família não pode os apresentar o conhecimento, mas os possibilitar a conhecer.

Continuando com o segundo valor, um dos problemas que pode ser observado nesses é que ele descarta toda a apropriação e a contribuições de todo o conhecimento já produzido, pois como já mencionado independente do objeto, área de conhecimento que um indivíduo busque conhecer, ele se fundamentara em algo já produzido, e com isso produz o seu conhecimento, portanto mesmo que se tenha uma grande capacidade de utilização de técnicas se o indivíduo excluir todo o conhecimento já produzido suas técnicas não serão suficientes para o ato de aprendizagem, pois de nada adianta saber como conhecer, mas não saber o que se deseja conhecer.

O terceiro pressuposto implica de que não cabe a escola e o professor a determinar o que o aluno deve aprender, mas sim os próprios estudantes, dessa forma os impactos desse é que a um mundo totalmente exterior e anterior a esse aluno e colocado em segundo plano, mas é importante ter consciência que ele deve sim ser um agente ativo na produção de conhecimento e compreensão do seu meio, mas para isso é necessário que alguém os ensine

para que então possa compreender a sua realidade e melhor compreender-se no mundo, por fim criar indivíduos com grande adaptação, dar a entender que necessitamos de um aluno que deve ser formado para aprender as constantes transformações sociais, o grande problema que se pode levantar é que esse pressuposta com as rápidas transformações dificulta a compreensão de o que é a sociedade, como o indivíduo pode agir, pois ele se restringe as exigências da sociedade e não a compreensão dessa.

Um dos métodos adotado para produzir esse aprender a aprender é o jogar valorizando-se a brincadeira no processo educativo, assim “o brincar era visto como o modo mais vivido e apropriado de comportamento da criança no mundo, por ser a única forma de atividade que brota espontaneamente de sua existência enquanto criança.” (ARENDDT, 2014, p.232). Hannah problematiza que isso implicara na diminuição de trabalho e que a criança além de aprender fazendo se deixa de lado todo o trabalho de construção de ensino sobre algum objeto e se passa a ter o contato direto na forma de jogo, “a atividade característica da criança, pensava-se, está no brinquedo; a aprendizagem no sentido antigo, forçando a criança a uma atitude de passividade, obrigava-a a abrir mão de sua própria iniciativa lúdica.” (ARENDDT, 2014, p.232).

Temos aqui uma importante questão a se perceber no processo de ensino, pois a criança enquanto ser em desenvolvimento e imatura não se pode exigir que essa aprenda da mesma maneira que adolescentes e os próprios adultos, a infância e a primeira fase da vida, por mais obvio que isso pareça é o momento em que se tem maior curiosidade espontânea, de descoberta do mundo, como ele é portanto o jogo enriquece muito a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo e motor do indivíduo, não se pode exigir da criança um comportamento de sentar-se e apenas ouvir, como ocorre com os adultos, retomando Paro (2016, n.p.) no programa Nós da educação, apresenta que: “ O modo da criança aprender envolve toda a sua personalidade”.

Pois a criança ainda não tem estruturado os conceitos de educação, trabalho, responsabilidade, a atividade mais relevante e prazerosa que ela pratica é por meio da brincadeira, mais que isso, é uma necessidade do seu corpo e espírito de expor toda a sua energia. De acordo com o pensamento de Paro (2016, n.p.) “se você não sabe educar brincando você não sabe educar”. Essa frase faz analisar o contexto brasileiro na qual desde as series iniciais as nossas crianças são treinadas para realizar as provas externas, essa prática até que contribui para os dados sobre a educação, mas isso garante realmente que se tenha uma educação de qualidade? Já que os mesmo alunos que muitas vezes conseguem notas que

deixam seus municípios bem qualificados terminam a educação básica sem saber o fundamental da língua portuguesa.

Isso pode ser pensado da seguinte forma, esse ensino não é para educar, mas sim para atender a necessidade de realização desses exames, pode-se levar em conta que o que se pratica nas salas não é aprendizagem, mas sim uma verdadeira tortura, no caso das crianças muitas vezes elas são privadas do brincar e obrigadas a adotar uma postura que até mesmo adultos não conseguem por um longo período.

É importante ressaltar que ao argumentar que o jogar a brincadeira é a melhor forma de se trabalhar com a criança, o professor tem que ter consciência de quais brincadeiras será utilizado, ao adotar o brincar o professor deve estar atenta a três questionamentos, aquela brincadeira proporciona o aluno aprender? Qual conhecimento e domínio eu possuo sobre esse jogo? Como se comportam os meus alunos na prática da atividade? de forma sucinta aos responder essas perguntas o educador estará percebendo que o brincar não é só pelo brincar, mas deve envolver todo um fim pedagógico.

Porem o que infelizmente acontece principalmente na creche, por vários motivos, falta de formação para o professor, habilidade lúdica, recursos, e pôr fim a percepção de que esse brincar produz e reproduz na sociedade, a de que a educação infantil não é um espaço de aprendizagem, mas um local, aonde as crianças vão lá por que seus pais precisam que alguém fique com elas para que possam trabalhar essa visão por mais retrograda que se pareça ainda se faz muito presente na sociedade brasileira, além de ter o conhecimento básico para guiar a criança de como ocorre o jogo, e como elas respondem, se a atividade contempla todos os envolvidos, se a exclusão, possibilitando compreender um pouco como se dá o processo de ensino.

5.2 Hannah Arendt e as questões da autoridade, natalidade, responsabilidade e a tradição do adulto em relação à criança.

Arendt considera como essência da educação a natalidade, ao determinar isso ela argumenta que é a constante chegada de novos seres humanos é o que garante a continuidade do mundo, portanto a criança tem grande importância no pensamento dela, pois essa deve ser introduzida a sociedade que já está estruturada, para que possa compreendê-la e, com isso, apresentar a sua contribuição e transformação em relação a ela.

Ao nascer iniciamos o processo de desenvolvimento de forma integral, psicológico e motor, portanto para que se apresente essa nova criança ao mundo e esse mundo

a essa nova criança, é necessário que os adultos neste caso a priori os pais, se responsabilizem pelo cuidar deste novo ser, pois obviamente ele não possui condições e maturidade para administrar a sua existência por si só.

Compreendesse-se um importante argumento que Arendt levanta em seu pensamento que é o da responsabilidade pelo mundo, sendo o lar o primeiro contato que ela deve fazer e que deve ser respeitado: “Por precisar ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família, cujos membros adultos diariamente retornam do mundo exterior e se recolhem à segurança da vida privada entre quatro paredes.” (ARENDR, 2014, p.235).

Ao analisar o contexto americano da década de 50, podemos perceber na análise da autora que o espaço público interfere diretamente no espaço privado, por meio dos emigrantes, pois como mencionado a escola realiza o papel que em outros países seria de responsabilidade da família, e o corresponde ao primeiro pilar da crise no sistema educacional com a ideia de um mundo de crianças, emancipado da participação adulta.

Na sociedade brasileira, esse ideal vem se mostrando muito forte contemporaneamente nas ideologias, onde prega o combate às questões de gênero, um exemplo é que muitos defensores desses argumentam que na escola se deve desmitificar o que seria brinquedos de meninos e meninas, cor de meninos e meninas, essa defesa se fundamenta no ideal de respeito à diversidade, porém ele vai de encontro a um dos princípios elementares de qualquer sociedade a do respeito ao lar.

A família que independente de como ela é formada deve ser a primeira a acolher essa nova criança, e a ensinar os primeiros valores que o meio familiar acredita, pois usar a escolar para retirar a educação que o lar criou o professor vai estar se contrapondo ao discurso de muitos educadores de que “em casa se educa, na escola se ensina” com isso todos os valores, conhecimentos que emana do seio familiar deve ser respeitado, assim o estado não deve interferir na privacidade da casa, ressaltando que ele tem todo o direito e o dever de agir quando se trata de violência, física, psicológica, verbal para com a criança. “Na medida em que a criança não tem familiaridade com o mundo, deve-se introduzi-la aos poucos a ele; na medida em que ela é nova, deve-se cuidar para que essa coisa nova chegue à fruição em relação ao mundo como ele é” (ARENDR, 2014, p.239).

Em vista disso, para que se possa assumir responsabilidade, pelo lar, pelos filhos, se deve portar uma determinada autoridade, essa palavra muitas vezes acaba sendo compreendida como algo autoritário que tira a liberdade das pessoas, mas no pensamento da filósofa essa tem como significado o respeito à tradição, dos pais, líderes religiosos, professor.

Portanto não estamos falando de violência, mas da valorização e o respeito que a criança deve tomar frente aos adultos, pois esses já está há mais tempo nessa sociedade já estruturada que esses mais novos estão adentrando, por isso cabe a atividade dos antigos passar o que é esse mundo, só com isso os recém-chegado poderá realmente agir de forma crítica, caso contrário ele poderá ficar submisso a vontade e aos pontos de vista de grupos que o induzira a reproduzir o discurso dessa maioria sem questionamentos.

A crise da autoridade na educação guarda a mais estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado. É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é de seu ofício servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua própria profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado. (ARENDR, 2014, p.243-244).

Sobre esse assunto ela ainda argumentar que:

sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo. Mesmo a responsabilidade ampla pelo mundo que é aí assumida implica, é claro, uma atitude conservadora (ARENDR, 2014, p.242).

Arendt defende um respeito pela tradição, espaço privado do lar e que a educação seja conservadora, mas não no sentido político, já que para ela o conservadorismo político destina a destruição do mundo, pois ele deseja a permanência da sociedade como é, o grande problema é que com a renovação constante dos seres humanos, surgimentos de novas questões, impor um modelo a ser conservado independente do tempo só resultaram num fracasso em todos os sentidos, o mundo só resiste por que se renova.

5.3 Considerações finais

A análise proposta por Hannah Arendt se mostra bastante interessante, pois ela provoca a refletir sobre muitos conceitos e práticas que muitos educadores não percebem no processo de ensino, e que como consequência essas se tornam naturalizadas, se mantendo intactas. A educação deve possibilitar ao sujeito o desenvolvimento de forma integral e que contemple a todos, como consta na Constituição Brasileira de 1988 no seu art. 205º “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2016, p.123) Além de que deve assegurar os princípios do Art. 206º:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (BRASIL, 2016, p.123).

Esse projeto tem como finalidade analisar como os três pilares proposto pela pensadora afeta ao processo de ensino e aprendizagem, no que se diz respeito querer torna independente a criança do mais velho, mesmo essa não tendo maturidade estar num processo de transição da infância para a vida adulta, adotar somente o meio do aluno e aquilo que surge dele para o processo de ensino, refletir sobre isso, pois ao adotar essa prática eu não estou negando o conhecimento do mundo ao meu discípulo? O apresentado apenas o seu meio e com isso o condicionando a perpetua permanência nele? Por fim provocar sobre a importância do brincar principalmente na educação infantil, pois sabemos que muitas escolas, não possuem estrutura, recursos ou estão pressas na ambição das provas externas, visando assim o retorno financeiro e social que isso possibilita a escola, a prefeitura.

Como consequência se esquece do processo pedagógico que deveria ser a priorização, principalmente nas escolas públicas, pois essas devem instigar um ideal de “elevação” como propõe Silva Junior, e onde possibilitam produzir passagens:

Em seu interior trabalhadores se reúnem para produzir ‘passagens’ si mundo iletrado ao mundo letrado; das “primeiras letras” ao universo do discurso; da linguagem informal às linguagens sistematizada; da cultura “popular” a cultura “erudita”; da intuição ao saber historicamente organizado. Em todas essas passagens e em outras que poderiam ser enumeradas, a ideia – forço, o propósito implícito ou manifesto é o da ‘elevação’ (SILVA JUNIOR, 1995, p.145).

Além de dialogar como a perda do respeito pelos mais velhos, e a tradição influenciam para o convívio familiar, escolar, com isso se torna pensável a desvalorização daquilo que todos os nossos antepassados construíram.

Por fim esse é o grande objetivo desse trabalho levar educadores, pais e sociedade de forma geral a refletir sobre suas práticas para com a educação, e sua relação enquanto ser social, ressaltando que Arendt baseia-se sua concepção de educação em três elementos: a uma escrita de uma época (análise do contexto americano), uma tradição filosófica (em especial a Grega) e uma formação que não é pedagógica.

6 METODOLOGIA

Metodologicamente esse trabalho se classifica numa abordagem qualitativa, a escola desta abordagem justifica-se devido ser “[...] de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p.20). Com relação aos objetivos, pode ser classificada como exploratória, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 35) “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

Quanto aos procedimentos, optou-se pelo bibliográfico e o documental, em que o primeiro constitui-se de consulta em livros e artigos científicos publicados, e o segundo de fontes diversas, sejam elas impressas ou audiovisuais cuja relevância se mostra no fato de não ser encontrada em nenhum outro local (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O objetivo da realização desse trabalho é compreender as reflexões pedagógicas e a crítica à educação que Hannah Arendt, percebe na sociedade americana na década de 1950, a princípio pesquisaremos em sites conceito de educação e alguns períodos que se marcaram pela forma que a compreendiam e a executava. Elencamos alguns como a educação Grega que tem como principais representantes Esparta, onde nessa cidade se tinha uma educação muito ligada a arte da guerra, portanto se priorizava muito as estratégias militares, e o treinamento do corpo para o combate, força, resistência, em segundo temos Atenas aonde dessa cidade vem a surgir o esboço de democracia, já neste caso se prioriza muito o diálogo, onde pessoas que tinham condições financeiras portanto não eram servos, se reuniam em praças públicas para defender suas teses, suas ideias.

Entre os principais artigos que se utilizaremos temos A crise na educação de Hannah Arendt, esse como base para a realização do projeto onde constam ideias sobre essa crise, como alguns conceitos principais, como o desrespeito a tradição, um mundo de criança, a má formação de professores, e adotar o ensino a partir daquilo que o aluno sabe, sendo tudo externo a isso desnecessário.

Outros fundamentais também são: Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. Um artigo de André Duarte, e Maria Rita de Assis César, da Universidade federal do Paraná, nesse trabalho os autores trazem reflexões de como o pensamento de Arendt implica no sistema educacional. Outro importante para compreender de forma bastante ampla são as entrevistas do professor Vítor Paro, programa nós da educação, aonde ele esboça questões relacionadas à administração escolar, onde só a percebemos, nos meio burocráticos e esquecemos que o processo de ensino também requer

planejamento, ele também discorrer sobre as questões do brincar, que a criança, o indivíduo só aprende se quiser, e algo que ele ressalta é que não se pode trabalhar e adotar a mesma técnica de ensino para crianças que se utilizar com adultos.

Outra importante entrevista para a realização deste trabalho é a palestra do professor Duarte (2007), nele ele apresenta quatro posicionamentos valorativos sobre o lema aprender a aprender, na qual esse serve como base para o terceiro pilar da crise na educação na qual Arendt classifica em sua obra, esse objeto de fundamentação para a pesquisa contribuição de forma bastante significativa para compreender o modelo de ensino que a autora criticava, em seu caráter pedagógico.

Portanto, a base de pesquisa para a realização desse projeto se apresentar exclusivamente por meios bibliográficos, que teve duração de realização aproximadamente oito meses, sendo realizados orientações e encontros para discutir sobre a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. A crise na educação. *In:* _____. **Entre o passado e o futuro**. 2. reimpr. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, cap. 5, p. 221-247.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016, 496p.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André. Hannah Arendt: pensar a crise na educação no mundo contemporâneo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36 n. 3, p.823-837, 2010.

DUARTE, Newton. **Teorias pedagógicas**: crítica ao aprender a aprender. 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Am_-6pZIyVw. Acesso 10 set. 2018.

EDUCAÇÃO. Conceito de Educação. **QueConceito**. São Paulo. 2018. Disponível em: <http://queconceito.com.br/educacao>. Acesso em: 21 jul. 2018.

FLICK, Uwe. **Métodos de Pesquisa**: Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. São Paulo: Artemed, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

PARO, Vitor. **Nós da educação**: Educação e Administração Escolar. 2016. Disponível em: <http://www.vitorparo.com.br/nos-da-educacao/>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PERRONE-MOISÉS, Claudia. **Cem anos de Hannah Arendt**. Centro de Estudos Hannah Arendt. 2013. Disponível em: <https://hannaharendt.wordpress.com/2013/05/23/cem-anos-de-hannah-arendt/> Acesso em: 10 ago. 2018.

SENA, Moisés Rodrigues de. O que é educação. **ResearchGate.net** [online], p. 1-13, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/261537445/download> Acesso em: 12 ago. 2018.

SILVA JUNIOR, Celestino Alves da. **A escola pública como local de trabalho**, 3 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

